

FRANCA



simpósio dos professores
universitários de história

3 · 7 DE NOVEMBRO, 1965

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DE FRANCA.

Associação dos Professores Universitários de História.

ANAIS .

FRANCA

1966

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DO XII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS (*).

Eurípedes Simões de Paula ().**

Realizou-se de 28 de agosto a 5 de setembro deste ano, em Viena d'Austria, o XII Congresso Internacional de Ciências Históricas com mais de 6.000 inscrições, o que, sem dúvida, fez dele o maior Congresso Internacional de História já realizado. Foi efetuado sob os auspícios do Comitê Nacional de História da Austria, com a alta supervisão do Comitê Internacional de Ciências Históricas.

* * *

I. — O COMITÊ INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS (1).

Esse Comitê foi instituído em Genebra em 14 de maio de 1926 — em virtude de uma resolução do V Congresso Internacional realizado em Bruxelas em 1923 — e, por uma feliz coincidência, na mesma sala do Ateneu em que, em 1863, foi fundada a Cruz Vermelha Internacional.

Tomaram parte nessa cerimônia 28 pessoas representando 19 países. Entre os fundadores destacamos os nomes dos seguintes eminentes historiadores: Brandi, Glotz, Henri Pirenne, Gaetano De Sanctis — já falecidos — H. Koht e W. Leland.

I. — Os Congressos Internacionais.

Antes de 1926 já haviam sido realizados vários Congressos Internacionais na seguinte ordem cronológica:

I Congresso Internacional em Paris — 1900;

II Congresso Internacional em Roma — 1903;

(*) — Artigo publicado na *Revista de História*, n.º 63, julho-setembro de 1965, págs. 175-202.

(**) — Professor catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(1) — Esses dados foram retirados do *Bulletin d'Information*, número 7, 1962-1964. Paris, 1964. 111 páginas, redigido pelo Prof. Michel François, Secretário-Geral do C.I.S.H.

III Congresso Internacional em Berlim — 1908;
IV Congresso Internacional em Londres — 1913.

O V Congresso havia sido programado para São Petersburgo em 1918, entretanto não pôde ser realizado devido à I Guerra Mundial (1914-1918). Ele só pôde ser efetivado mais tarde, em 1923, em Bruxelas.

Esses Congressos haviam reunido de 700 a 1.000 historiadores aproximadamente. Impossível seria continuar tal situação sem que existisse um órgão que coordenasse os esforços de muitas associações e pesquisadores isolados. Foi então que em Bruxelas resolveu-se fundar um Comitê Internacional, o que foi conseguido em 1926 em Genebra.

Dos Estatutos da entidade, elaborados na ocasião, destacamos o seguinte trecho:

Artigo I. — “O Comitê Internacional de Ciências Históricas (C.I.S.H.). ..é uma organização não governamental... criado para trabalhar pelo desenvolvimento das ciências históricas. Ele organiza todos os cinco anos e em ligação com o Comitê Nacional de historiadores do país interessado, um Congresso Internacional de Ciências Históricas”.

O Comitê é composto de:

- a). — Comitês Nacionais que representam as instituições de pesquisa histórica do respectivo país;
- b). — Organizações internacionais filiadas que se consagram exclusivamente a pesquisas e publicações de caráter estritamente científico das ciências históricas.

Em 1 de janeiro de 1964 o Comitê Internacional contava com 38 Comitês Nacionais e 9 organismos internacionais filiados.

Depois de 1926 o C.I.S.H. organizou os seguintes Congressos Internacionais:

VI Congresso Internacional em Oslo — 1928;
VII Congresso Internacional em Varsóvia — 1933;
VIII Congresso Internacional em Zurique — 1938.

O IX deveria ter sido realizado em Roma em 1943, mas devido à II Guerra Mundial (1939-1945) teve que ser adiado. Somente foi efetuado em 1950, quando tiveram prosseguimento os Congressos Internacionais:

IX Congresso Internacional em Paris — 1950, com 1.400 participantes e 30 nações representadas;

X Congresso Internacional em Roma — com 1.600 participantes e 33 nações representadas;

XI Congresso Internacional em Estocolmo — 1960, com 2.000 participantes, vindos de 49 países diferentes.

No intervalo entre dois Congressos, o Comitê é renovado pelo terço, com uma reunião anual e a Assembléia Geral é convocada cada dois ou três anos.

Antes da II Guerra Mundial o C.I.S.H. estava ligado ao Instituto de Cooperação Intelectual que era sustentado financeiramente pela Rockefeller Foundation. Depois de 1946 o C.I.S.H. passou a ser uma das doze instituições ligadas à U.N.E.S.C.O. por intermédio do Conselho Internacional de Filosofia e Ciências Humanas (C.I.P.S.H.), recebendo subvenções que lhe permitem organizar parcialmente os Congressos, assim como os Colóquios. Ainda e principalmente, publicar instrumentos de trabalho coletivo dos quais o mais importante é o **International Bibliography of Historical Sciences** editado todos os anos.

3. — Os Presidentes do C.I.S.H.

Os Presidentes do C.I.S.H. foram sucessivamente os historiadores: H. Koht (Noruega), W. Leland (Estados Unidos), Temperley (Grã-Bretanha), Nabholz (Suíça), R. Fawtier (França), Federico Chabod (Itália) e H. F. Schmid (Austria), este falecido em 6 de fevereiro de 1963, antes de terminar o seu mandato.

4. — Os Comitês Nacionais.

Até 1 de janeiro de 1964 eram os seguintes:

- | | | |
|----------------|-----------------|-----------------|
| 1. — Alemanha | 5. — Brasil (2) | 9. — Dinamarca |
| 2. — Austrália | 6. — Bulgária | 10. — Espanha |
| 3. — Áustria | 7. — Canadá | 11. — Finlândia |
| 4. — Bélgica | 8. — Chipre | 12. — França |

(2). — O Comitê Nacional do Brasil está assim constituído:

Presidente: José Honório Rodrigues — Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.

Vice-Presidentes: Eurípedes Simões de Paula (Universidade de São Paulo); Dante de Laytano (Universidade do Rio Grande do Sul); Manuel Aquino Barbosa.

Secretário Geral: Ministro Sérgio Corrêa da Costa.

Tesoureiro: Gil Maranhão.

- | | | |
|--------------------|------------------------------|----------------------------|
| 13. — Grã-Bretanha | 23. — Mongólia Ex-
terior | 32. — Suíça |
| 14. — Grécia | 24. — Noruega | 33. — Tchecoslová-
quia |
| 15. — Hungria | 25. — Países-Baixos | 34. — Turquia |
| 16. — Índia | 26. — Polónia | 35. — U. R. S. S. |
| 17. — Irlanda | 27. — Portugal | 36. — Uruguai |
| 18. — Israel | 28. — R. A. U. | 37. — E. U. A. |
| 19. — Itália | 29. — Rumânia | 38. — Iugoslávia. |
| 20. — Japão | 30. — Santa Sé | |
| 21. — Luxemburgo | 31. — Suécia | |
| 22. — Malta | | |

5. — Organismos Internacionais filiados.

São os seguintes:

1. — Associação Internacional de Estudos Bizantinos.
2. — Comissão Internacional de Estudos Eslavos.
3. — Comitê Internacional de Ciências Onomásticas.
4. — Instituto Panamericano de Geografia e História.
5. — União Internacional dos Institutos de Arqueologia, História e de História da Arte em Roma.
6. — Federação Internacional das Sociedades e Institutos para o Estudo da Renascença.
7. — Comissão Internacional de Numismática.
8. — Associação Internacional de História Econômica.
9. — Associação Internacional de História do Direito e das Instituições.

6. — Comissões Internas.

São as seguintes:

1. — Comissão de Bibliografia.
2. — Comissão de História Diplomática.
3. — Comissão Internacional para a História das Assembleias de Estado.
4. — Comissão Internacional de História Eclesiástica Comparada.
5. — Comissão de História Militar Comparada.
6. — Comissão Internacional de História dos Movimentos Sociais e das Estruturas Sociais.
7. — Comissão Internacional de Demografia Histórica.
8. — Comissão Internacional de História da Imprensa.
9. — Comissão de Iconografia.

10. — Comissão Internacional de História Marítima (3).
11. — Comissão Internacional para a História das Universidades.
12. — Comissão Internacional de História Urbana (4).

*
* *
*

I. — O DESENVOLVIMENTO DO XII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA (5).

A sessão inaugural do Congresso realizou-se no edifício da Ópera de Viena, no domingo, dia 19 de agosto, às 16 horas, com discursos do Presidente do Congresso, do Representante da UNESCO, do Prefeito da cidade de Viena e do Ministro da Instrução Pública.

Do programa merecem destaque uma conferência pelo Prof. A. Lhotsky (de Viena) sobre “As Universidades da Europa no fim da Idade Média” e uma “Saudação da Universidade de Cracóvia à Universidade de Viena”, pelo Prof. J. Wolski (de Cracóvia).

*
* *
*

-
- (3). — O Comitê Nacional brasileiro é composto das seguintes pessoas: Prof. Thomaz Oscar Marcondes de Souza, Almirante Aquiles Mesiano, Prof. Manuel Nunes Dias, Prof. José Roberto do Amaral Lapa e Prof. Eurípedes Simões de Paula; Secretária: Profa. Myriam Ellis. A Comissão Internacional de História Marítima foi criada por uma decisão da Assembléia Geral do C.I.S.H. realizada em Upsala, em 29 de agosto de 1960, por ocasião do XI Congresso Internacional de História. Os estatutos e a organização da Comissão foram fixados durante o V Colóquio Internacional de História Marítima reunido em Lisboa, de 14 a 16 de setembro de 1960. A origem da Comissão foi devida a uma resolução tomada durante o X Congresso Internacional de História, realizado em Roma em setembro de 1955. Essa resolução preconizava a renovação, sob uma forma mais ampla, da antiga Comissão Internacional para a História das Grandes Descobertas desaparecida com a II Guerra Mundial.
 - (4). — Esta Comissão foi proposta na reunião do Bureau do C.I.S.H. em Tóquio para ser apresentada no Congresso de Viena, onde, aliás, foi instalada e funcionou.
 - (5). — O programa foi estabelecido preliminarmente pela 2a. Circular do Congresso (Cf. Revista de História, n.º 59, julho-setembro de 1964, págs. 249-251). Posteriormente, foi modificado pela 3a. Circular e alguns nomes de participantes e presidentes dos relatórios, foram substituídos no decorrer do próprio Congresso.

Segunda-Feira, 30 de agosto de 1965

9 horas

Secções	I	II	III
	Grandes Temas	História dos Continentes	Organismos Internacionais filiados e Comissões
Sessões	A Aculturação	Extremo-Oriente	1. — Comissão Internacional para a História das Assembléias do Estado. E. Lousse: Assembléias representativas e Taxação.
Presidente	Herzfeld	M. Tichiensky	
Vice-Presidente	A. D. Momigliano	T. Yamamoto	2. — Comissão Internacional de História dos movimentos Sociais e de Estruturas sociais: Relatório coletivo: A participação das classes populares (massas e quadros) nos movimentos nacionais de independência no Oriente e no Ocidente.
Responsáveis e Participantes	A. Dupront H. van Effenterre G. Balandier C. Cahen D. B. Quinn E. Condurachi E. Ziya Karal	S. Nishijima T. Masabuchi N. Niida	3. — Comissão Internacional de Estudos Es-lavos.

Conferência especial (19 horas no Auditorium Maximum da Universidade): Th. Schieder: Tipologia e formas do Estado Nacional na Europa. Um Colóquio especial às 9 horas no Auditorium Maximum sobre a: **História da Resistência na Europa: Metodologia-da documentação.**

15 horas

IV

Metodologia e História Cronológica

Secções	Metodologia — História Geral — Historiografia	Antigüidade	Idade Média	História Moderna e Contemporânea
Sessões	A evolução do pensamento histórico nos meados do século XX.	As relações inter-estatais das cidades-gremes na época clássica.	A tradição jurídica nos documentos papalinos medievais.	As bases econômicas e sociais do absolutismo.
Presidente	F. Valsecchi J. Droz	S. Mazzarino	J. Gallén	M. Tscherepnine
Vice-Presidente	L. Holotik M. V. Nechkina	F. Schachermeyr R. Thomsen	B. Paradisi E. Lönroth	G. Labuda G. Ember
Responsáveis e Participantes	V. T. Pachuto E. B. Chernyak	H. Bengtson	H. Zimmermann	E. Molnár H. Kellenbenz H. L. Mikoletzky H. Sturmberger

Terça-feira, 31 de agosto de 1965

9 horas

Secções	I Grandes Temas	II História dos Continentes	III Organismos Internacionais filiados e Comissões
Sessões	A tolerância religiosa e as heresias na época moderna.	A descolonização.	1. — Associação Internacional de História Econômica: J. Le Goff e R. Romano : Paisagens e povoamento rural na Europa após o século XI.
Presidente	Cônego A. Aubert	A. Holmberg	2. — Associação Internacional de História do Direito e das Instituições: A organização judiciária: fundamentos, estrutura jurídica, realidades sociais. H. Wolff : A organização judiciária e a justiça administrativa nos reinos helenísticos e no Império Romano; Monsenhor Lefebvre : Juizes e sábios na Europa, XIII-XVI séculos; Prof. Lesnodorsky : Juizes profissionais e elemento popular nas organizações judiciárias dos Estados modernos depois de 1750; Prof. Ishii : Os fatores de evolução da organização judiciária nos países do Extremo-Oriente.
Vice-Presidente	A. Latreille R. D. Edwards	W. Markov P. J. Freymond	3. — Comitê Internacional de Ciências Onomásticas.
Responsáveis e Participantes	E. G. Rup M. Schmidt G. Schilfert E. Weinzierl-Fischer J. Caro Baroja M. Themelly A. G. Dickens	A. A. Gouber A. F. Miller D. Rothermund	4. — Sessão especial reservada aos Historiadores das Florestas.

15 horas

IV

Metodologia e História Cronológica

Secções	Metodologia — História Geral — Historiografia	Antiguidade	Idade Média	História Moderna e Contemporânea
Sessões	Projetos e conceitos da História do Mundo no século XX.	As raízes da antiga Civilização Cipriota e a colonização Micênica	A gênese dos povos e dos Estados na Europa central na Idade Média	Problemas políticos da I Guerra Mundial
Presidente	P. Joukov	Sir Ronald Syme	E. Malyus	H. Hantsch O. S. B.
Vice-Presidente	P. Renvall J. A. van Houtte	P. Oliva	B. Grafenauer W. Leitsch	B. Pavicevic E. Ziya Karal
Responsáveis e Participantes	L. Gottschalk	V. Karageorghis	F. Grauss O. Daicoviciu G. Labuda A. Otetea E. Petrovici	G. Riter (6) F. Engel-Janosi

(6). — O sel relatório foi apresentado pelo Prof. K. D. Erdmann.

Quarta-feira, 1 de setembro de 1965

9 horas

Secções	I Grandes Temas	II História dos Continentes	III Organismos Internacionais filiados e Comissões
Sessões	Nacionalismo e Internacionalismo nos séculos XIX e XX	Gênese e continuidade das antigas civilizações meso-americanas	1. — Comissão Internacional de História Eclesiástica Comparada. E. Bernleithner : Os progressos do Atlas de história eclesiástica; B. Moeller : A vida religiosa nas regiões de fala alemã do fim do século XV ao fim do XVI; L. E. Halkin : A vida religiosa nos países de língua francesa do fim do XV ao fim do XVI século.
Presidente	E. H. Khvostov	R. Heine-Geldern	
Vice-Presidente	G. H. N. Seton-Watson S. Carlsson	M. Savelle J. M. Millas-Vallicrosa	
Responsáveis e Participantes	H. Kohn P. Renvall L. Valiani V. Cherestesi K. D. Erdmann	P. Kirchoff W. Jiménez Moreno J. Bernal H. Berlin G. F. Ekholm Miranda	2. — Comissão Internacional de Demografia Histórica: As migrações do XVI aos meados do XIX século. 3. — Comissão Internacional de Iconografia.

— 300 —

15 horas

IV
Metodologia e História Cronológica

Secções	Metodologia — História Geral — Historiografia	Antigüidade	Idade Média	História Moderna e Contemporânea
Sessões		A figura de Temístocles na historiografia antiga	O papel dos árabes na transmissão do patrimônio espiritual antigo	O impacto do militarismo alemão sobre a vida social e política na Alemanha durante a II Guerra Mundial
Presidente		M. McGuire	H. L. Gottschalk	E. Gruner
Vice-Presidente		Mme. E. Ch. Welskopf		F. L. Carsten P. J. Kladova
Responsáveis e Participantes		F. Schachermeyr	F. Altheim	G. A. Craig

Quinta-Feira, 2 de setembro de 1965

9 horas

Secções	9 horas		
	I Grandes Temas	II História dos Continentes	III Organismos Internacionais filiados e Comissões
Sessões	As classes dirigentes da Antigüidade aos Tempos Modernos	O problema das fontes da História da África Negra até a colonização	1. — Federação Internacional das Sociedades e Institutos para o Estudo da Renascença. A. Dufour : Humanismo e Reforma; R. M. Douglas : "Genus Vitae" e "Vocatio": déias de Trabalho e Vocação no Humanismo e na Prática Protestante; O. Herding : Sôbre a problemática dos escritos pedagógicos-humanísticos. Estudo de textos e imagens do homem; P. Mesnard : A pedagogia de Jean Sturm e sua inspiração evangélica (1507-1589).
Presidente	R. Mousnier	E. Robinson	2. — Comissão Internacional da História da Imprensa: G. Gaeta : A influência dos meios de difusão coletiva sôbre os acontecimentos históricos e sôbre a evolução política. 3. — Instituto Panamericano de Geografia e História: R. A. Humphreys e J. Lynch : A emancipação da América Latina.
Vice-Presidente	A. Gieysztor M. Silberschmidt	W. Hirschberg Th. Papadopoulos	
Responsáveis e Participantes	G. Tellenbach A. Goodwin R. Andreotti L. Bulferetti F. Kiechle D. Djurdjev K. B. Mac Farlane	J. Glénisson R. Mauny W. Markov	

15 horas

IV
Metodologia e História Cronológica

Secções	Metodologia — História Geral — Historiografia	Antigüidade	Idade Média	História Moderna e Contemporânea
Sessões	Evolução e Revolução na História Mundial		A possibilidade do mais amplo desenvolvimento da diplomática no campo da Medievalística histórica	Movimentos camponeses do Centro e do Sudeste da Europa do XV ao XX século
Presidente	E. Molnár		G. Tissier	J. Macek
Vice-Presidente	G. Spini		H. Fichtenau	D. Jankovic M. J. Manoussakas
Responsáveis e Participantes	J. L. Talmon E. Engelberg		J. Sebánek	S. Pascu V. V. Mavrodin B. F. Porchnev I. G. Antelava

— 303 —

Sexta-feira, 3 de setembro de 1965

9 horas

Secções	I Grandes Temas	II História dos Continentes	III Organismos Internacionais filiados e Comissões
Sessões	Estruturas sociais e literaturas nos séculos XIX e XX	As relações religiosas da Europa com a Ásia e a África na Baixa Idade Média	1. — Comissão Internacional para a História das Universidades: J. Le Goff : As Universidades e os poderes públicos na Idade Média e na Renascença. 2. — Comissão Internacional de História Marítima: J. Heers (e colaboradores): Ligações e Concorrência das vias marítimas e das vias terrestres no Comércio internacional desde o fim da Idade Média até o século XIX (J. C. Anene, W. E. Cheong, A. Jara, H. Kellenbenz, R. Mauny, D. C. North) (coordenados e apresentados por J. Heers). — Ch. Villain-Gandossi : A revisão do glossário náutico de Jal; Ch. Verlinden : Bibliografia da História das Grandes Rotas Marítimas.
Presidente	F. Venturi	M. Batllori S. J.	
Vice-Presidente	S. P. Pach J. J. Auchmuty	P. E. Hübinger M. Mollat	
Responsáveis e Participantes	L. V. Tcheripinine P. V. Palievski C. E. Schorske F. Furet	O. Halecki L. Jadin	
Colóquio especial a partir das 9 horas sobre os seguintes temas:			3. — Associação Internacional de Estudos Bizantinos: O mundo de Bizâncio no pensamento histórico da Europa a partir do XVII século; A. Pertusi : O século da erudição; A. Guillou : O século das luzes; D. Zakythinos : O XIX século, do romantismo ao nacionalismo; H. Hunger : Bizâncio no pensamento da Historiografia do XX século; D. Obolensky : O ponto de vista dos eslavos do Norte; I. Dujcev : O ponto de vista dos eslavos do Sul; D. Zakythinos : O ponto de vista dos epígonos.
1). — Robespierre visto pelos seus contemporâneos;			
2). — Robespierre na historiografia internacional contemporânea.			

15 horas

IV

Metodologia e História Cronológica

Secções	Metodologia — História Geral — Historiografia	Antigüidade	Idade Média	História Moderna e Contemporânea
Sessões	Federalismo e Estado Federal na História	Antigüidade e Cristianismo	Sôbre o problema da arbitragem das disputas na Idade Média	Problemas económicos e sociais da I Guerra Mundial
Presidente	G. Tadic	Monsenhor M. Maccarrone	J. Bardach	E. Engelberg
Vice-Presidente	W. Bussmann M. Poliakov	M. Vittinghof E. Condurachi	C. G. Mor J. Prawer	A. Novotny F. C. Lane
Responsáveis e Participantes	R. A. Kann	J. R. Palanque	J. Engel	A. L. Sidorov V. I. Bovykine P. V. Volobouiev

Conferência especial às 19 horas no Auditório Maximum da Universidade: **J. Droz**, "Socialismo e a questão das nacionalidades no fim do século XIX".

Sábado, 4 de setembro de 1965

9 horas

Secções	I Grandes Temas	II História dos Continentes	III Organismos Internacionais filiados e Comissões
Sessões	Balço do mundo em 1815	A estrutura político-administrativa hispânica como base das nacionalidades americanas	1. — Comissão Internacional de História Urbana: Evolução da historiografia urbana na Europa. Estudo da planificação urbana.
Presidente	F. Engel-Janosi	C. Verlinden	2. — Comissão Internacional de Numismática.
Vice-Presidente	C. Daicoviciu F. L. Ford	P. Chaunu M. Strahov	3. — Comissão Internacional de História Militar Comparada
Responsáveis e Participantes	E. Labrousse K. Godechot M. Reinhardt A. Soboul L. Trénard	J. M. Capdequi	

15 horas

IV
Metodologia e História Cronológica

Secções	Metodologia — História Geral — Historiografia	Antigüidade	Idade Média	História Moderna e Contemporânea
Sessões	Historiografia Mon-gólca		Concepções e métodos da história das cidades medievais durante o último meio século	Os esforços dos povos dos Balcãs para ascender à independência política e económica de 1875 a 1914
Presidente	K. Takahashi		J. Schneider	D. Kossev
Vice-Presidente	P. Bagge		Mme. Pigoulevskaia	R. Palmer A. Oteta
Responsáveis e Participantes	S. Bira		F. Vercauteren	D. Djordjevic

*

Além da parte científica houve uma outra recreativa, a cargo da Agência Internacional de Viagens **Primus**, que elaborou um programa do qual destacamos as seguintes excursões e visitas (7):

1. — Excursão à Floresta Vienense.
2. — Visita ao Museu de Belas-Artes.
3. — Excursão à cidade romana e Museu de Carnuntum.
4. — Excursão “Viena Histórica”.
5. — Visita à Exposição de Arte Barroca no Castelo Belvedere.
6. — Representação da ópera “Don Giovanni” na Ópera de Viena.
7. — Apresentação especial da Escola Espanhola de Equitação.
8. — Excursão ao Bugarland.
9. — Visita de uma ópera cômica no Castelo de Cchönbrunn.
10. — Visita ao Tesouro Imperial e à Biblioteca Nacional.

O Congresso encerrou-se domingo, dia 5 de setembro de 1965, com uma sessão solene no Wiener Konzerthaus, ocasião em que o Prof. E. Zöllner (de Viena) pronunciou uma conferência sobre “A irradiação cultural de Viena” e o Prof. V. L. Tapié (de Paris) discorreu acerca do “O Papel de Viena na cultura européia”.

*

* * *

III. — IMPRESSÕES DO CONGRESSO (8).

Devido a dificuldades de horários — pois a Varig mantém apenas dois vôos semanais para Francforte — só pudemos atingir Viena no dia 30, segunda-feira, às 22 horas, depois de uma

(7). — Esse programa social foi enviado com vários meses de antecedência, juntamente com as circulares n.ºs 2 e 3 para que os congressistas pudessem organizar o seu roteiro dentro dos intervalos e das noites livres após as sessões científicas, organização que poderia muito bem servir de norma para os Congressos Científicos no Brasil.

(8). — Os debates e intervenções serão próximamente publicados nas Atas do Congresso.

viagem de 26 horas. Nestas condições, assistimos as sessões do Congresso a partir do dia 31 de agosto, terça-feira.

1. — Terça-feira, 31 de agosto de 1965.

Pela manhã, nos dirigimos ao Edifício Central da Universidade de Viena, onde, no Saguão, recebemos todo o material destinado aos Congressistas. Verificamos aí a existência de agências de Correios e Telégrafos, Banco, Papelaria, Turismo e uma Seção de Informações.

Tendo que escolher entre cinco reuniões que se realizavam simultaneamente, optamos pela da Associação Internacional de História Econômica, onde assistimos os debates em torno do relatório apresentado pelos professores Jacques Le Goff e Ruggiero Romano (da VI Seção da Escola de Altos-Estudos, Sorbonne) sobre o tema: "Paisagens e povoamento rural na Europa desde o século XI". Os autores mostraram a profunda modificação do povoamento da Europa medieval desde o século XI, com a contínua migração do homem do campo para a cidade. Salientaram também o melhoramento contínuo da agricultura que, com a aceitação de novas técnicas, libertou parte da população. O êxodo rural é, pois, um fenômeno muito antigo e continua chamando a atenção dos historiadores dos nossos dias, não só no que tange à migração por uma colheita ou a partir do século XVI definitiva para as Américas.

Intervieram nos debates que se seguiram ao resumo da comunicação feito pelo Prof. Le Goff, os professores Lucic (de Zagreb) que discorreu sobre a propriedade agrária em Ragusa, o Prof. Wolff (de Toulouse) que arguiu os relatores sobre a oposição entre os grandes proprietários e a atitude contrária dos camponeses. Falaram também o Prof. Goldenberg (da Rumania), Mme. Cvetkova (da Bulgária), Cinzio Violante (de Pisa), este a propósito dos arquivos paroquiais que eventualmente abordados podem elucidar o problema do êxodo dos camponeses para as cidades, sedes de paróquias.

Tanto o Prof. Jacques Le Goff, como o Prof. Ruggiero Romano rebateram as críticas, mas reafirmaram os seus pontos de vista, agradecendo, entretanto, as contribuições trazidas pelos opositores acima mencionados.

À tarde, às 15 horas, fomos assistir os debates na V Seção do Congresso onde se discutia sobre "As raízes da antiga civilização cipriota e a colonização micênica". O arqueólogo Vasos Karageorghis (de Nicósia, Chipre) sustentou que a ilha de Chipre teve desde o VI milênio a. C. uma brilhante civiliza-

ção neolítica e que esta mantinha estreitas relações com a Ásia Menor. Durante a Idade do Bronze — fim do III e início do II milênio a. C. — Chipre expandiu suas relações com o Egito e a região da Síria-Palestina, devido a exportação que fazia do cobre produzido na ilha. Durante o período da grande civilização de Creta micênica, esta não se fez sentir em Chipre, pois alguns vasos dessa época aí existentes parecem oriundos do comércio insular com Ugarit.

Na época do climax das relações entre Creta e Ugarit apareceu em Chipre uma inscrição, muito parecida com a chamada Linear A de Creta.

A ilha conheceu uma considerável prosperidade a partir do II milênio, com exceção apenas do período em que se deu a invasão hicsa no Egito. Depois da queda de Cnossos os micênios substituíram os minoanos no comércio cipriota e novos centros comerciais surgiram no Sul e no litoral leste da ilha. No fim do XIII e começo do XII século a. C. novo fenômeno surgiu nas relações com o fabuloso Oeste: a influência da civilização acáia e a colonização da Ásia Menor pelos gregos.

O relator foi provocado por diversos historiadores turcos que negavam essa influência micênica, dizendo que Chipre sempre estivera em contacto, e de maneira preponderante, com a Ásia Menor. O Prof. Karageoghis não negou essa influência, mas manteve seu ponto de vista que a civilização micênica influenciara a cipriota.

2. — Quarta-feira, 1 de setembro de 1965.

Neste dia fomos pela manhã procurar a II Secção do Congresso, onde se debatia o tema: “Gênese e continuidade das antigas civilizações meso-americanas”.

O Prof. Paul Kirchoff (do México) fez um balanço sobre o que conhecemos antes e depois do VII século da nossa era. Falou também da importância do emprêgo do carbono 14 na história da Meso-américa, mostrando os cuidados que se deve ter com esse revolucionário método de datação.

O Prof. Wigbetro Jiménez Moreno (do México) tratou da história dos mexicanos, toltecas, olmecas e mixtecas. O Prof. Ignacio Bernal (do México) discorreu sobre o que ele chamou de “período clássico” na área central do México, relatando as excavações recentes no vale de Oaxaca, na cidade de Teotihuacan e em Tajin em Veracruz.

O Prof. Henrich Berlin (do México) abordou a história maia, principalmente o problema da decifração da escrita des-

se povo, dizendo que os indígenas transliteraram para caracteres latinos muitos dos seus antigos códices — hoje infelizmente desaparecidos — onde narravam a história do povo de acôrdo com o seu calendário. As narrativas, verdadeiros anais, contém relatos de migrações, guerras, sucessão de reis, etc. São bem exatos para o século XV, mas infelizmente antes dêsse período deixam muito a desejar.

Muitos monumentos em pedra foram erigidos e alguns dêles com inscrições. Que querem dizer essas inscrições? São dados astronômicos?

Em 1960 a cientista Americana Tatiana Proskouriakoff propôs o que ela chamou de “acercamento” histórico: sistema combinatório de datas-motivos grafados, decifrados ou não, mostrando que os textos podem ser interpretados com uma aproximada exatidão. Êste método está ganhando terreno entre os arqueólogos americanos e esperamos que êle possa decifrar muitos textos, revelando assim o segrêdo do povo maia.

O Prof. Gordon F. Ekholm (de Nova Iorque) falou das mais antigas das civilizações meso-americanas que para êle é a dos olmecas, cujo sítio principal está em La Venta em Tabasco, possuindo aí uma plataforma piramidal enorme e outras estruturas feitas de terra. Uma escultura monumental de pedra, em jade e pedras duras, lavradas com maestria, possuem inscrições hieroglíficas. Trata-se, sem dúvida, do que restou de uma grande aglomeração humana, onde deveria haver diversificação de misteres, uma organização religiosa e social muito completa.

Dados fornecidos pelo radiocarbono e aparentemente confirmados pela estratigrafia, por relações e seqüências com outras regiões, indicam que essa civilização existia na primeira metade do milênio a. C.. A sua influência na Meso-américa deve ter sido muito grande, pois seus traços podem ser encontrados e identificados em Monte Alban e Teotiacan, através do estilo das esculturas maias do período clássico. A origem dessa civilização é ainda um enigma. A maioria dos arqueólogos supõe seja ela autóctone e não tenha relações com o Velho Mundo.

No decorrer dos debates foi dado ênfase à descoberta do milho pelos mexicanos, sendo apresentado êsse fato como uma das razões do sucesso da civilização meso-americana. Tivemos então ocasião, em parte, de dizer que o Prof. Brieger, da Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós (de Piracicaba)

ba), sem dúvida uma das maiores autoridades em milho no mundo, afirma que o milho teve a sua origem no Paraguai.

A tarde estivemos ouvindo o que se disse sobre Temístocles, o tão discutido personagem da história ática. Na historiografia antiga ora êle é apresentado com um grande estadista, ora como um traidor da pátria. Na Antigüidade, como nos nossos dias, os homens e os acontecimentos são vistos através de perspectivas interesseiras e apaixonadas.

3. — Quarta-feira, 2 de setembro de 1965.

Fomos atraídos, evidentemente, pelos debates que se travavam em torno de um assunto tão interessante como: “O problema das fontes da História da África Negra até a colonização”.

O Prof. Raymond Mauny (da Sorbonne) discorreu brilhantemente sobre as fontes escritas (narrativas) da História da África Negra, ressaltando a dificuldade até mesmo da expressão “História da África”, perguntando mesmo se ela existia. Até há pouco conhecíamos como história os relatos dos antropólogos, etnólogos, lingüistas, missionários, etc. isso era devido à grande diversidade de influências, desde o “comércio mundo” de Heródoto até os contactos fronteiriços, pacíficos ou não.

Em face da complexidade do assunto propôs, para reflexão dos estudiosos o exame do assunto tomando como base os seguintes conjuntos geográficos: Oeste-africano, Sudão Nílotico, Etiópia e Eritreia, Centro-oeste, Este-africano, Sul-africano. Propôs também como limites cronológicos as seguintes datas: 639, chegada dos árabes no Egito; 1434, data do início da expansão marítima portuguesa para a África Negra, prelúdio dos Grandes Descobrimientos Marítimos que irão afetar o mundo inteiro; e 1850, início da colonização européia em numerosos setores. Disse que as datas eram discutíveis e que aceitaria outras mais aproximadas da realidade histórica.

Acentuou que para o primeiro período as narrativas dos viajantes e a arqueologia são de capital importância. Conhece-se o vale do Nilo, a Etiópia e o litoral este-africano. Quanto à costa oriental da África salientou que o último local onde se encontrou restos arqueológicos da Antigüidade foi ao sul das Canárias, no cabo Jubí, na ilha do Mogador (Cerné?). Os antigos freqüentaram as Canárias certamente do I a. C. ao II-III d. C. Nestas condições o périplo de Hanon, se foi realizado, é

uma peça literária ou um documento forjado e não devemos considerá-lo como histórico. O vento soprava apenas para o Sul e os navios que voltassem rumo Norte não podiam fazê-lo ao longo do litoral africano. Pôs em dúvida também o périplo de Necaio, dizendo que o aceitava somente se os navios tivessem remontado a costa a remos. Os fenícios, provavelmente, tomaram uma rota saariana e foram ter ao Norte da África. Sobre a Idade Média da África Tropical (639-1434) disse que essa região esteve em contacto com o mundo externo pelo violento impacto do Islão, acontecimento que dominou completamente a história durante esse período. Falou também das rotas saarianas do ouro, que cortavam o continente em diagonal. Os árabes substituíram os greco-romanos e os sabeos-etíopes ao Sul do Saara e nas costas do Leste africano. Numerosas fontes escritas elucidam esse período. A maioria dessas narrativas já foram traduzidas, mas infelizmente de maneira imperfeita, sem os recursos técnicos modernos que facultam uma crítica histórica razoável. Devemos esperar dados da China e da Índia, que estiveram em contacto com a África desde o século XII. Sustentou que para o período anterior, como para este, é de capital importância a reedição dos **Monumenta cartographica Africae et Aegypti** de Youssouf Kamal (Cairo, 1926-1951).

Quanto ao período de 1434 a 1850, afirmou que a África recebeu expressiva influência dos europeus. As fontes se multiplicam, principalmente com o conhecimento dos dados fornecidos por marinheiros, comerciantes e missionários, mas por outro lado mingam as obras de origem árabe.

No que concerne às fontes arquivistas, são as portuguesas as mais importantes, se bem que também outros países europeus possam oferecer ainda fontes primárias ou secundárias como correspondência particular ou oficial, relatórios de exploradores, contas de grandes empresas, correspondência das missões, etc. Muitos arquivos ficaram na África, mas são em menor número do que aqueles que se encontram na Europa. Entre estes, sem falar nos grandes acervos portugueses, são interessantes os fundos documentais do Vaticano, Itália, França, Grã-Bretanha. Existem ainda bastantes documentos na Ásia e nas Américas, principalmente no Brasil.

Quanto às fontes orais, serviu de referência o relatório apresentado por H. Moniot, que é muito interessante, mas de pouco valor histórico como o provou o Pe. Silva Rêgo, para períodos além do século XIX, pois as narrações foram muito manejadas ao serem transmitidas oralmente.

A Arqueologia apresenta um caso muito diferente. A África do Nordeste (Núbia-Etiópia) é muito rica em documentos epigráficos, em monumentos antigos e medievais, peças numismáticas, etc., revelando contacto com civilizações exteriores (Núbia, Egito, Etiópia, Arábia do Sul). Quanto à África saariana, das savanas e da costa oriental, notamos que essas regiões giraram na órbita dos interesses árabes (econômicos e culturais). Na África da floresta e sul-equatorial, antes dos portugueses nada existe de interessante. A única exceção é o caso das ruínas do Zimbabwé e Mapungubwé que nos forneceram dados do mundo bantú e khoisan. Muita coisa ainda se espera, tanto das pesquisas de campo como de laboratório. Infelizmente a epigrafia e a numismática, salvo na região nilótica e na costa do Mar Vermelho, não nos podem ajudar, pois tanto a escrita como as moedas foram introduzidas tardiamente.

Intervieram nos debates, trazendo os seus pontos de vista, além do Pe. Silva Rêgo, os Professôres Holt (Grã-Bretanha), Lajos Pasztor (Vaticano), Ivan Hrbek (Praga), Tadin e Graaf (da Indonésia).

4. — Sexta-feira, 3 de setembro de 1965.

Pela manhã nos dirigimos à sala 36, onde deveria se reunir a Comissão Internacional de História Marítima. Aí uma grande surpresa nos aguardava: fomos convidados pelo presidente e vice-presidente da entidade, respectivamente os Professôres Michel Mollat e Virgínia Rau, para assumirmos a presidência e dirigir os trabalhos. Aceitamos a honrosa incumbência, mais como uma homenagem ao Brasil do que aos nossos possíveis méritos.

O assunto foi apresentado pelo Prof. Jacques Heers (da Universidade de Caen), relator da equipe. O tema proposto fora o seguinte: "Ligações e concorrências das vias marítimas e das vias terrestres no comércio internacional, desde o fim da Idade Média até o século XIX" (9).

O trabalho foi dividido da seguinte maneira:

1. — **Jacques Heers** (Universidade de Caen): Proposição do problema: rivalidade ou colaboração da terra e da água.

(9). — O texto integral dos relatórios foi publicado em volume a parte, sob o título: *Les Grandes voies maritimes dans le monde. XVe-XIXe siècles.* Paris. Bibliothèque Générale de l'École Pratique des Hautes Études. VIe Section. S.E.V.P.E.N. 1965. 330 págs.

2. — **Hermann Kellenbenz** (Universidade de Colônia): Transportes e comércio sôbre estradas, rios e mares da Europa.
3. — **Raymond Mauny** (Universidade de Paris): O desbloqueio de um continente pelas vias marítimas: o caso africano.
4. — **J. C. Anene** (Universidade de Ibadan): Concorrência do Deserto e do Oceano: o exemplo do Sudão Central e do Norte da África.
5. — **D. C. North** (Universidade de Washington): A conquista de um continente: o papel dos transportes marítimos e terrestres no desenvolvimento econômico da América do Norte.
6. — **A. Jara** (Universidade do Chile): Os metais preciosos nos caminhos da América Latina.
7. — **W. E. Cheong** (Universidade de Hong-Kong): As rotas marítimas e o tráfico da prata em Cantão. 1784-1834.

Vários dos presentes intervieram nos debates, alguns achando que o relatório dava demasiada ênfase ao comércio marítimo em detrimento do terrestre, outros afirmando que se deixara em segundo plano o comércio dos grandes rios, como por exemplo o Danúbio.

Pelo Professor Frédéric Mauro foi feito, excepcionalmente, um resumo de um capítulo da tese de livre-docência (10) do Prof. Manuel Nunes Dias, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

As 15 horas os trabalhos foram reabertos e o Prof. Heers, coadjuvado pelo Prof. Mauny rebateu as críticas feitas e agradeceu a colaboração recebida.

Em seguida, a Comissão passou a discutir o relatório apresentado pela Profa. Christiane Villain-Gandossi (de Paris) sôbre a "Revisão do Glossário Marítimo de Jal".

Durante o X Congresso Internacional de Ciências Históricas (Roma, 1955), ficou decidido a revisão e a reedição do Glossário Náutico de Jal (1848). No decorrer do XI Congresso Internacional (Estocolmo, 1960) e nos Colóquios Internacionais de História Marítima (Paris, 1956, 1957, 1958, 1959), de

(10). — Manuel Nunes Dias, *O comércio livre entre Havana e os portos de Espanha (1778-1789)*. São Paulo. 1965. 2 vols. 715 págs. (mimeografada).

Lisboa (1960), Veneza (1962) foram elaboradas as regras para essa revisão.

A obra vai conservar o caráter de um **glossário** e conterà os termos usados em Náutica (construção, arte de navegar, manobra, pessoal, etc., dos navios) e também da utilização dos barcos (guerra naval, pesca, pôrto, operações comerciais, etc.). O glossário se limitará à terminologia da marinha de vela utilizada pelos povos dos mundos atlântico e mediterrâneo.

O grupo de trabalho (historiadores, arqueólogos, filólogos e técnicos) procederam a redação dos termos da letra A, a partir do velho texto, ajuntando os novos dados. A parte realizada foi apresentada ao plenário para que todos pudessem ajuizar da importância daquilo que já fôra ultimado.

Quanto ao III item do programa da Comissão, o Prof. Charles Verlinden apresentou um relatório sôbre: "Bibliografia da História das Grandes Rotas Marítimas", dividido em:

- a) quadro de classificação;
- b) estado atual da catalogação até 31 de outubro de 1964.

A Comissão concentrou todo o seu esforço no levantamento da bibliografia de 1932 até a data acima indicada, pois a parte referente a 1912-1931 já fôra levantada por E. Deprez para a Comissão para a História das Grandes Viagens e Descobertas.

O levantamento está sendo feito por equipes nacionais e no que concerne à América Latina, o trabalho sendo centralizado pela Comissão Panamericana de História (México). O único país da América Latina que até agora entregou o seu trabalho foi a Argentina.

5. — Sábado, 4 de setembro de 1965.

Comparecemos aos debates da II Secção do Congresso em que se estudava a História dos Continentes. O tema proposto era o seguinte: "A estrutura político-administrativa hispânica como base das nacionalidades americanas".

O relatório apresentado foi preparado pelo Prof. José Maria Ots Capedequi (Universidade de Valência) que infelizmente, por motivo de moléstia, não pôde comparecer pessoalmente, cabendo ao Prof. Charles Verlinden presidir os trabalhos, coadjuvado pelo Prof. Pierre Chaunu.

O relatório pareceu insuficiente a muitos dos presentes e por isso discutiram o assunto os Professôres: Konetzke (BRD)

(11), Kossok (RDA), Frédéric Mauro (Toulouse), Sioskine (URSS), Battlori (Roma), Meza-Villalobos (Chile), Wittmann Tibor (Hungria), Ruano (Espanha), Carrera Damas (Venezuela) e Torquato de Souza Soares (Portugal).

No decorrer dos debates notamos que não ficara bem clara a posição da América Portuguesa, pois muitas vezes o adjetivo “hispanico” parecia envolver toda a América do Sul. Apesar de não sermos especialistas no assunto e não nos termos preparado especialmente para isso, resolvemos intervir no debate para que ficasse bem clara a posição do Brasil.

Falamos em francês para que ficasse ressaltado o fato de que não éramos país de fala espanhola. Começamos por mostrar que muitos séculos antes do que a Espanha, Portugal já se tinha constituído em Estado autónomo. Dissemos como os portugueses após o Descobrimento introduziram o sistema das Capitánias hereditárias que já haviam experimentado na ilha da Madeira. Falamos do Governo Central e do Regimento de Tomé de Souza, da divisão administrativa do país e de como Portugal procurara transplantar para cá as suas normas administrativas. Finalmente, nos referimos à vinda da Família Real para o Brasil em 1808, mostrando que dessa data até 1821 o Brasil foi a sede do Império português. Ressaltamos que foi o Príncipe Regente, depois D. João VI, quem virtualmente instituiu a nossa Independência, pois organizara o Brasil como uma Nação. D. Pedro I colheu o fruto semeado pelo seu progenitor. Mostramos ainda o papel da marinha de guerra que manteve o país unido, debelando alguns focos de resistência. Assim, acreditamos haver mostrado aos colegas a evolução completamente diferente, da América Espanhola e da América Portuguesa, trazendo a tona alguns aspectos fundamentais da História do nosso país que, por motivos óbvios ainda permanecem sedimentados em arquivos ou inacessíveis pelo problema da língua, em livros e periódicos de nossos autênticos historiadores.

À tarde, precisamente às 15 horas, comparecemos à sessão administrativa da Comissão Internacional de História Marítima, onde votamos como delegado do Brasil.

Foram apresentados e aprovados o relatório da Diretoria e a prestação de contas do Tesoureiro-Geral. Em seguida ficou resolvido que o mandato da próxima Diretoria seria de 5 anos até o próximo Congresso Internacional de História. Após procedeu-se a eleição da nova Diretoria.

(11). — Por estar enfermo a sua intervenção foi lida, em muito bom espanhol, pelo Prof. Hans Pohl (BRD).

Foi o seguinte o resultado da eleição:

Presidente: Michel Mollat (Sorbonne), reeleito.

Vice-presidentes: Virgínia Rau (Universidade de Lisboa), reeleita. Charles Verlinden (Universidade de Gand. Casa Bélgica. Roma) reeleito.

Secretário-Geral e Tesoureiro: Paul Adam (Paris), reeleito.

Conselheiros: Sílvio Zavala (Colégio do México), reeleito. Georges P. B. Naish (Secretary of The Society for Nautical Research National, Maritime Museum, Greenwich), reeleito.

Hermann Kellenbenz (Universidade de Colônia).

Federico Melis (Universidade de Florença), reeleito.

Frederic Lane (Baltimore, E. U. A.).

Ficou resolvido, em princípio, que o próximo Colóquio da Comissão de História Marítima deverá ser realizado em Beirute (Líbano), em setembro de 1966. O tema proposto foi o seguinte: "Companhias de Comércio, do fim da Idade Média ao século XIX". Esse Colóquio realizar-se-á conjuntamente com a reunião da Associação Histórica do Oceano Índico, a exemplo do que foi feito no V Colóquio Internacional de História Marítima (12).

(12). — Vide *Revista de História*, n.º 49, janeiro-março de 1962, págs. 286 a 288.